Era inevitável que os caminhos de um e de outro se cruzassem,
o que os encorajou a andar sem destino.
Zadie Smith

É real quando selamos estas cartas com cera.
Earl Sweatshirt

Prólogo

Na barbearia, um silêncio estranho. Só o zunido discreto da máquina de corte a rapar escalpes macios. Isto foi antes de o barbeiro te apanhar a olhar para o reflexo dela no espelho, enquanto lhe cortava o cabelo, e de notar, também nos olhos dela, um não-sei-quê. Interrompeu o que estava a fazer e virou-se para ti, as rastas como raízes belas e espessas bailando alegremente enquanto falava.

— Há qualquer coisa entre vocês os dois. Não sei o que é, mas há qualquer coisa. Há quem lhe chame uma relação, há quem lhe chame amizade, chamam-lhe amor, mas, entre vocês os dois, há qualquer coisa.

Olharam, então, um para o outro com o mesmo espanto de olhos arregalados que continua a sobressaltar-vos, em várias ocasiões, desde o dia em que se conheceram. Um e outro, como fios de auscultadores emaranhados, colhidos nesse *não-sei-quê*. Um acaso feliz. Um milagre caótico.

Escapou-te o olhar dela por uns instantes e ficaste ligeiramente ofegante, como a chamada distante que cai e ganha uma inesperada gravidade. Em breve, descobrirás que o amor te fez inquieto, e belo também. O amor fez-te negro, como se, na presença dela, tivesses mais cor. Não é nada de preocupante; há que celebrá-lo! O amor permitia-vos ser iguais a vós mesmos.

Mais tarde, quando caminhavam na escuridão, sentiste-te subjugado. Disseste-lhe que não querias que ela olhasse para ti porque, quando os

vossos olhares se cruzam, não consegues deixar de ser honesto. Lembras-te das palavras de Baldwin? *Eu só quero ser um homem honesto e um bom escritor.* Hum. Um homem honesto. Estás a ser honesto, aqui, agora.

Vieste aqui para falar do que significa amares a tua melhor amiga. Pergunta: se *contrair* é dizer o máximo com o mínimo de palavras possível, haverá maior contração do que o amor? Não teres onde esconder-te, não teres para onde ir. Um olhar direto.

O olhar dispensa palavras; é um encontro honesto.

Vieste aqui para falar da vergonha e da sua relação com o desejo. Não devíamos sentir vergonha de dizer abertamente: *eu quero isto*. Não devíamos sentir vergonha de não saber o que queremos.

Vieste aqui para lhe perguntar se ela se lembra da urgência daquele beijo. Enrolados nos lençóis da cama dela, no escuro. Sem palavras. Um encontro honesto. Nada vias, a não ser a sua silhueta familiar. Ouviste a sua respiração suave e compassada, e percebeste o que querias.

É uma coisa estranha, desejares a tua melhor amiga; dois pares de mãos transpondo barreiras, pedindo desculpa em vez de autorização: «Posso?», uma fração de segundo após o gesto.

Por vezes, choras no escuro.

1

Na noite em que se conheceram, uma noite que a brevidade do encontro tornou irrelevante, puxas o teu amigo Samuel à parte. São uns quantos na cave desse *pub* no sudeste de Londres. Uma festa de aniversário. A maioria a caminho da embriaguez, ou da alegria, dependendo do que se prefere.

— O que foi?

— Não costumo fazer isto.

— «Não costumo» significa que é uma coisa que já fizeste.

— Não, juro. Promessa de mindinho — dizes. — Mas preciso que me apresentes à tua amiga.

Gostarias de dizer que, nesse momento, o cavalheiro mais velho que estava a pôr música tinha baixado o som de uma batida rápida, uma coisa do género *Move On Up*, de Curtis Mayfield, para pôr outra igualmente rápida. Gostarias de dizer que era o *Fight the Power*, dos Isley Brothers, que estava a tocar quando verbalizaste um desejo que não compreendias inteiramente, embora soubesses que tinhas de fazer alguma coisa. Gostarias de dizer que, atrás de ti, o chão da pista de dança ondulava e que os jovens se mexiam como nos anos oitenta, uma época em que mexerem-se assim era das poucas liberdades a que aqueles que vieram antes podiam dar-se ao luxo. E, uma vez que te lembras disto, a liberdade é tua. Mas prometeste que ias ser honesto. E a verdade é que a presença daquela mulher te deixou tão abalado que estendeste a mão

para a cumprimentares, em vez de abrires os braços no abraço caloroso habitual, o que resultou num sacudir de braços desajeitado.

— Olá — dizes.

— Boa noite.

Ela sorri um pouco. Tu não sabes o que dizer. Queres preencher o vazio, mas nada te ocorre. Ficam ali, a olhar um para o outro, num silêncio que não é necessariamente desconfortável. Imaginas que a expressão do rosto dela é um espelho da tua, cheia de curiosidade.

— Vocês são os dois artistas — diz Samuel, uma interrupção bem-vinda. — Ela é uma dançarina de grande talento.

A mulher abana a cabeça.

— E tu? — pergunta. — O que fazes?

— Ele é fotógrafo.

— Fotógrafo? — repete a mulher.

— Tiro fotografias, às vezes.

— Parece que és um fotógrafo.

— Às vezes, às vezes.

— Modesto.

Tímido, pensas. Avanças depressa na conversa e reparas que ela corre atrás de ti. Uma luz vermelha desce sobre o seu rosto e tu vislumbras algo nos traços francos, talvez bondade, com os olhos dela a seguir o que dizem as tuas mãos. Reparas que é uma língua familiar, claramente de um lugar a sul do rio. Claramente de um lugar a que tu podias chamar casa. Deste modo, há coisas que ambos ficam a saber e que exprimem com todo o vosso ser, mas que aqui não são ditas.

— Queres beber alguma coisa? Posso ir buscar-te uma bebida?

Viras-te e, pela primeira vez desde que a conversa começou, reparas em Samuel. Ele recuou, encolheu-se um tudo-nada; está a sorrir, mas o corpo denuncia-o, sente-se excluído. Com uma pontada de culpa, tentas trazê-lo de volta.

— Vocês querem beber o quê?

O rosto da mulher abre-se, mostrando um bom humor genuíno, terno, mas no instante em que isso acontece, tu sentes uma mão no cotovelo. És levado dali; precisam de ti. A pista de dança esvaziou-se

um pouco e instala-se um silêncio cheio de tudo o que ainda está para vir. Há bolo, velas e uma tentativa esforçada de cantar em uníssono os parabéns. Puxas para baixo a máquina fotográfica que trazes pendurada no ombro, onde balança, e viras a objetiva para a aniversariante, Nina, no momento em que ela pede um desejo, a vela solitária como um minúsculo raio de sol. Quando a multidão começa a dispersar-se, és puxado em todas as direções. Como único fotógrafo presente, cabe-te a ti documentar o instante.

A música recomeça. As pessoas reúnem-se em pequenos grupos, pousando quando te focas nos seus rostos amáveis suspensos na escuridão. O cavalheiro mais velho continua a passar música ao seu ritmo. *Could Heaven Ever Be Like This*, de Idris Muhammad, adequa-se.

Emergindo da multidão, vais até ao bar e esticas o longo pescoço em várias direções. É aqui, quando voltas a procurar aquela mulher, na noite em questão, uma noite que a brevidade do vosso encontro tornou irrelevante, que te dás conta de que ela já não está ali.

2

São os meses de inverno. Um inverno cálido — na noite em que a conheceste, calculaste mal a distância da estação de metro até ao *pub* e, ao fim de meia hora de marcha, e apenas de camisa, chegaste constrangido, consciente do suor que trazias na testa —, mas um inverno, apesar de tudo. É a estação errada para nos apaixonarmos. Conhecer alguém numa noite de verão é como dar uma nova vida a uma chama morta. É mais provável que se saia à rua com essa pessoa com o pretexto de escaparem à estufa onde decorre a festa. Talvez dês por ti a aceitar a oferta de um cigarro, os teus olhos semicerrando-se quando a nicotina te espevita o cérebro e libertas o fumo no calor abafado de uma noite de Londres. Talvez olhes para o céu e chegues à conclusão de que o azul não chega a adensar-se nessa altura do ano. No inverno, recolhes as tuas cinzas e regressas a casa.

Falas da mulher ao teu irmão mais novo, que também esteve na festa de aniversário, dando-lhe uma imagem com base na memória que tens dessa noite, como quem tece *samples* para fazer uma nova canção.

— Mas, espera… eu não a vi?

— Ela é alta. Mais ou menos alta.

— Certo.

— Vestida de preto. Tranças por baixo de uma boina. Muito *cool*.

— Pois, não estou a ver.

— O bar é assim. — Formas um L com os braços. — Eu estou aqui — dizes, indicando a curva de dentro do L.

— Espera.

— Sim? — dizes, exasperado.

— É melhor ou pior eu dizer-te que estava com uma cadela nessa noite e que não me lembro de nada, ponto?

— És um inútil.

— Não, sou alguém que bebeu muito nessa noite. Demasiado. E então, o que se passa?

— O que queres dizer com isso?

Estão os dois sentados na vossa sala de estar, de volta de uma chávena de chá. A agulha do gira-discos arranha suavemente o plástico no fim do vinil, e este *rrr*, *rrr*, *rrr* é um pulsar sonoro propício à meditação.

— Conheceste o amor da tua vida…

— Não foi isso que eu disse.

— «Eu estava naquela festa e senti isto, esta presença, e, quando olhei, vi uma rapariga, não, uma mulher, que me cortou a respiração.»

— Vai dar uma curva — dizes, e voltas a afundar-te no sofá.

— E se nunca mais a vires?

— Nesse caso, faço um voto de castidade e vou viver para as montanhas até ao fim da minha vida. E da próxima.

— Dramático.

— E tu, o que farias?

Ele encolhe os ombros e levanta-se para virar o disco. Um arranhar mais firme, como o de uma unha na pele.

— Há mais uma coisa — dizes.

— O que é?

Olhas fixamente para o teto.

— Ela anda com o Samuel. Foi ele que nos apresentou.

— Hã?

— Só o descobri depois de termos falado. Não me parece que andem há muito tempo.

— Isso é um facto?

— Enfim, acho que sim, é. Vi-os a beijarem-se no canto do bar.

Freddie ri-se e levanta as mãos.

— Pois, não te vou julgar, mano. Estas coisas não são simples. Mas, sim, talvez seja melhor…

Imita uma tesoura com os dedos.

Como é que nos libertamos do desejo? Dar-lhe voz é deitar à terra uma semente, sabendo que, de uma maneira ou de outra, ela vai crescer. É admitir uma coisa que transcende o nosso entendimento e submetermo-nos a ela.

Contudo, ainda que a semente cresça, ainda que o corpo viva, respire, floresça, não há garantia de reciprocidade. Ou de que algum dia voltarás a ver essa pessoa. Daí a apologia das paixões de verão. Ainda que se despeçam um do outro numa noite sem fim, ainda que se apercebam de que os vossos caminhos divergem, ainda que dês por ti a adormecer numa cama sozinho, sem outra coisa que não a memória da intimidade, será um raio de sol de verão a esgueirar-se pelo intervalo das cortinas. Haverá um amanhã em que o dia será longo e a noite igualmente longa. Haverá mais uma estufa, ou uma churrascada, com pouca comida e mais bebida do que comida. Haverá mais uma pessoa desconhecida a sorrir para ti na escuridão, ou a olhar para ti do outro lado do jardim. A tocar-te no braço enquanto ambos se riem demasiado de uma piada de bêbedos. A cair ofegante à entrada da porta, agarrado a dobras de carne, ou a tentar em silêncio localizar a casa de banho numa casa que não é a tua. No inverno, na maior parte das vezes, não chegas a sair de casa.

Além disso, por vezes, para resolver o desejo, o melhor é deixá-lo florir. Senti-lo, deixar que te apanhe desprevenido, agarrares-te ao seu lado doloroso. Há alguma coisa melhor do que acreditar que estás a caminho do amor?

3

Perdeste a tua avó no verão quando estavas convicto de que não havia mais nada que pudesses perder. Soubeste antes de saberes. Não era o ribombar distante do trovão que roncava como um estômago vazio. Não era o céu, tão cinzento que até receaste que o Sol não voltasse a brilhar. Não era a tensão na voz da tua mãe, a pedir-te que não saísses de casa antes de ela chegar. Simplesmente, sabias.

Regressas a uma memória de outra época. Estás sentado ao fundo da propriedade, no Gana, onde brasas de calor, tardias nesse dia, ainda te fazem suar. A tua avó, sentada num banco de madeira oscilante, corta os ingredientes para uma refeição que vai cozinhar e tu dizes-lhe que conheceste uma mulher num bar, e que soubeste antes de saberes. Ela vai sorrir, e rir-se-á para dentro, contendo o divertimento, encorajando-te a continuar. Dir-lhe-ás que é uma mulher esguia, mas alta, e que tem um bom porte, não um porte que intimida ou domina, mas um porte que revela segurança. Tem bondade nos traços e não se importou que tu a abraçasses.

O que mais?, perguntará a tua avó.

Hum. Dir-lhe-ás que, quando tu e a mulher desconhecida se apresentaram, ambos desvalorizaram as coisas que faziam, as coisas que amavam. A tua avó deter-se-á neste pormenor. Porquê?, indagará. Tu não sabes. Talvez porque ambos tinham perdido esse ano e, embora se tentassem convencer de que não havia mais nada a perder, a verdade é que isso continuava a acontecer.

E então? Não há consolo na sombra, dirá a tua avó.

Eu sei, eu sei. Penso que nós os dois acabámos por considerar aquele encontro irrelevante. Foi demasiado breve. Aconteceram muitas coisas ao mesmo tempo. Não era o momento certo.

A tua avó pousará a sua faca e dirá: Nunca é o momento certo.

Tu deixarás escapar um suspiro e olharás para o céu, que não parece querer escurecer, e dirás: acho que havia naquela noite qualquer coisa naquele lugar que eu nunca tinha sentido até a conhecer. Algo que, olhando para trás, não podia ignorar.

Quando semeias uma semente, ela cresce. De uma maneira ou de outra, ela vai crescer.

Hum. Tens razão. É só porque… conheci esta mulher e ela não era uma desconhecida. Eu sabia que já nos tínhamos cruzado antes. E sabia que nos íamos voltar a ver.

Como é que sabias?

Sabia, simplesmente.

E neste lugar, uma memória de uma outra época, gostarias de acreditar que a tua avó ficará satisfeita com tudo isto. Que te fará o mesmo sorriso irónico e contido, que voltará a rir-se sozinha no seu canto.